



PROBLEMATIZANDO OS DISCURSOS CIENTÍFICOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

PROBLEMATIZING THE SCIENTIFIC DISCOURSES ABOUT HOMOSSEXUALITY

Deise Azevedo Longaray 1
Paula Regina Costa Ribeiro 2

1 Universidade Federal do Rio Grande/ PPG Educação em Ciências/ deiselongaray@yahoo.com.br

2 Universidade Federal do Rio Grande/ PPG Educação em Ciências/ pribeiro@vetorial.net

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar como a ciência vem tratando as questões sobre as identidades sexuais, com o intuito de atribuir explicações e justificativas para a origem da homossexualidade. Apresentaremos alguns argumentos determinantes utilizados no âmbito da biologia, baseados em estudos genéticos e com hormônios, em pesquisas na área da neurociência e pesquisa científica entre gêmeos, a fim de se identificar as causas da homossexualidade. Tais contribuições caracterizam a identidade homossexual através de definições patologizantes; homossexualidade como crime e pecado também foram atribuições recorrentes durante a suposta história da homossexualidade. Além disso, apresentaremos as contribuições do construcionismo social. Diante disso, cabe destacar que não temos pretensão de negar qualquer determinação biológica como explicação para a causa da homossexualidade, nem tampouco, atribuir negação às demais teorias que argumentam e apresentam uma possível causa da homossexualidade. Porém, destacaremos a construção histórica e social da homossexualidade.

Palavras-chave: homossexualidade, identidade sexual, construcionismo social.

Abstract

The following work aims at presenting how science has been addressing the issues of sexual identities, in order to give explanations and reasons for the origin of homosexuality. We will introduce some determinant arguments in the realm of biology, based on the study of hormones, genetics, neuroscience and scientific research with twins, so that the causes of homosexuality were identified. Contributions which pose the homosexual identity as a pathologizing definition, homosexuality either as a crime or a sin were also recurrent statements during the supposed history of homosexuality; moreover, we will introduce the contributions of the social constructionism. In view of that, it is important to point out that we do not intend to deny any biological determination as a reason for homosexuality or else, attribute a full denial to the other theories which propose a possible cause for homosexuality. However, we will highlight the historical and social construction of homosexuality.

Key words: homosexuality, sexual identity, social constructionism.

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, questões relacionadas a corpos, gêneros e sexualidades têm ocupado uma significativa centralidade em diversas instâncias sociais e culturais. A mídia, por exemplo, mostra e debate ao seu modo as identidades sexuais, principalmente a homossexualidade atribuindo-a como a identidade “anormal”, visto que, na nossa sociedade, a identidade concebida como “normal” é a heterossexual. Nesses debates, frequentemente podemos ver elementos de diversas ordens emergirem – da patologia, da genética, da psicologia, da psiquiatria, etc., trazendo as “vozes autorizadas” para discutir os sujeitos que desviaram da norma, buscando as causas para tal desvio e tratamentos para tais sujeitos. Tais discursos atravessam, inclusive, o espaço escolar sem nele se deterem, traduzindo e produzindo formas de ver, pensar e agir opressivos em relação à diversidade sexual. Louro (2004), destaca que

desprezar o sujeito homossexual era (e ainda é), em nossa sociedade, algo “comum”, “compreensivo”, “corriqueiro”. Daí porque vale a pena colocar essa questão em primeiro plano. Parece absolutamente relevante refletir sobre as formas de viver a sexualidade, sobre as muitas formas de ser e de experimentar prazeres e desejos; parece relevante também refletir sobre possíveis formas de intervir, a fim de perturbar ou alterar, de algum modo, um estado de coisas que considero intolerável (p.12).

Neste estudo, nos interessa discutir como a ciência vem tratando a questões das identidades sexuais, com o intuito de atribuir explicações e justificativas para a origem da homossexualidade. Embora estejamos destacando a identidade sexual, consideramos que os sujeitos são constituídos por múltiplas identidades – gênero, raça, etnia, geração, classe, nacionalidade, entre outras.

Na perspectiva de discutir e de refletir sobre tal temática, buscamos estabelecer algumas conexões com os Estudos Culturais¹ nas suas vertentes pós-estruturalistas², bem como com algumas proposições de Michel Foucault. Para tanto, estamos entendendo sexualidade como uma construção histórica e cultural que, ao correlacionar comportamentos, linguagens, representações, crenças, identidades, posturas, inscreve tais constructos no corpo, por meio de estratégias de poder/saber³ sobre os sexos (FOUCAULT, 1997; LOURO, 2007; RIBEIRO, 2002; WEEKS, 1993, 1999).

UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

Nesse artigo, apresentaremos algumas contribuições de diversas perspectivas que buscam discutir as causas da homossexualidade, porém destacaremos as contribuições do

¹ Os Estudos Culturais constituem-se em um campo de teorização, investigação e intervenção que estuda os aspectos culturais da sociedade. Sobre este tema, ver: Costa (2004), Veiga-Neto (2004).

² Para discussões sobre o pós-estruturalismo, ver Veiga-Neto (1995; 1996; 2004), Silva (1994; 2004), Peters (2000).

³ Estamos usando a expressão poder/saber num sentido foucaultiano em que poder e saber estão diretamente implicados, ou seja, “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 1999c, p.27).

construcionismo social para esta discussão. Apresentaremos alguns fatos ocorridos no decorrer da história que se tornam relevantes para entendermos algumas definições e explicações que foram sendo produzidas sobre a homossexualidade. Utilizaremos o termo homossexual nesse artigo para designar o indivíduo cuja orientação sexual expressa-se através da relação afetivo-sexual com a pessoa do mesmo sexo.

O termo *homossexual* surgiu no ano de 1869, pelo escritor e jornalista austro-húngaro Karl Maria Kertbeny, com o intuito de substituir o termo *sodomita* (SILVA, 2005). Durante a Idade Média, a relação entre pessoas do mesmo sexo, era caracterizada como *sodomia*.

A sodomia foi um termo que surgiu devido à história bíblica em que as cidades de Sodoma e Gomorra foram destruídas pela justificativa de ali ter havido relações homossexuais entre seus habitantes e visitantes, além de suas atitudes perversas. No entanto, há controvérsias de que o motivo de destruição da cidade possa ter sido a relação homossexual, pois nas duas passagens da Bíblia em que se menciona esse fato, os pecados citados como característicos de ambas são: a religião vazia de espírito, avareza, rebelião contra Deus, falta de amor para com os órfãos e as viúvas etc., nenhuma palavra sobre sexo ou homossexualidade são mencionadas (PEREIRA, 2009).

É válido destacar que naquela época, mais precisamente na Grécia Antiga, a prática homossexual ocorria entre um homem adulto ativo e um rapaz, então, passivo. Porém, se o garoto futuramente ocupasse a posição de ativo em uma relação com outro homem não sofreria qualquer discriminação, pois a posição ativa na relação demonstrava virilidade (WEEKS, 2007). Diante disso, cabe destacar que, para os gregos, a relação entre um homem e um rapaz, ou entre o homem e uma mulher não havia distinção qualquer entre tal comportamento,

...se quisermos prestar atenção à maneira pela qual eles refletiam sobre essa dupla prática, convém observar que eles não reconheciam nela duas espécies de “desejos”, duas pulsões, diferentes ou concorrentes, compartilhando o coração dos homens ou seus apetites (FOUCAULT, 1988 b, p. 168).

Vale ressaltar, no entanto, que a relação homossexual carregava consigo a característica perversa, de ato interdito. Foucault em *História da Sexualidade: a vontade de saber* relata que:

até o final do séc. XVIII, três grandes códigos explícitos – além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião – regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito [...], esses diferentes códigos não faziam distinção entre as infrações e os desvios em relação à genitalidade. Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam de qualquer modo, condenação [...]quanto aos tribunais, podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade[...] (FOUCAULT, 1988a, p. 44).

Em 1895, na Inglaterra, o escritor Oscar Wilde foi condenado a dois anos de trabalho forçado devido ao envolvimento sexual com o filho de um aristocrata; o juiz considerou tal relação um crime pior que o estupro e o assassinato (FRY e MACRAE, 1991). Hoje, certos países islâmicos punem a homossexualidade com a pena de morte, através de apedrejamento, enforcamento, decapitação, etc.

Então, no século XIX, em 1969, após o incidente de Stonewall⁴, traça-se a mudança no mundo homossexual e a discussão da temática homossexualidade assume um novo patamar, ou seja, a homossexualidade

tornou-se uma categoria científica e sociológica, classificando a perversidade sexual de um novo modo, e isso teve, inevitavelmente desde então, seus efeitos na prática médica e legal, construindo a idéia de uma natureza distintiva e, talvez uma natureza exclusivamente homossexual (WEEKS, 2007, p. 68).

Com o desenvolvimento da psiquiatria, as relações homossexuais começam a ser enquadradas não mais como crime e sim como doença, “o que está na base da homossexualidade considerada doença é o patamar de normalidade conferido às relações sexuais e afetivas entre pessoas de sexos opostos” (SILVA, 2005, p. 12). Caracterizada como uma doença, o homossexual deveria receber tratamentos para se “curar” de tal patologia:

os tratamentos na época eram geralmente pensados em termos de incentivo ao padrão “normal” e de desprestígio do que era “anormal”[...], o “doente” era obrigado a ler romances em que a beleza feminina despertasse paixões ou, ainda, a dormir com mulheres nuas ou vestidas de homem, além disso, o médico ainda recomendava de 30 a 100 sessões de hipnose para “incutir ao doente a repulsão, o nojo, o horror pela sua anormalidade (SILVA, 2005, p.13).

Dessa forma, era nomeada como “homossexualismo para caracterizar um comportamento ‘desviante’ entre pessoas do mesmo sexo” (FURLANI, 2003, p.153). O sufixo “ismo” refere-se à anormalidade, algo patológico, porém com a (re)significação que passou no século XX, o termo homossexualidade passou a ser mais aceito, levando em consideração o sufixo “dade” do latim que significa “qualidade de”, fazendo referência a um tipo de orientação sexual, ou seja, a uma possibilidade das pessoas viverem a sexualidade e seus prazeres (FURLANI, 2003). Embora ainda há aqueles que caracterizam a homossexualidade como uma doença, cabe ressaltar que, em 1973, a Sociedade Americana de Psiquiatria resolveu riscar a homossexualidade da lista oficial das doenças psiquiátricas; até então a homossexualidade era considerada como uma doença psíquica, sendo, na mesma época, retirada do Código Internacional de Doenças (CID). Já a Organização Mundial de Saúde (OMS), retirou a homossexualidade da sua lista de doenças mentais, no dia 17 de Maio de 1990 declarando que "*a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão*".

Durante a história da homossexualidade, foram produzidos diversos discursos que argumentam e evidenciam o surgimento de tal identidade, algumas teorias no âmbito da biologia buscam apresentar uma possível causa da homossexualidade. Diante disso, apresentaremos algumas explicações de diversas ordens, tais como da biologia, da genética, da endocrinologia e também da neurociência, a fim de elucidar a construção de tais discursos.

⁴ O incidente de Stonewall refere-se a quatro dias de motins homossexuais, que ocorreram em Nova York como resposta a uma briga policial de rotina num bar gay.

A BIOLOGIA EXPLICA: ALGUNS FATORES DETERMINANTES PARA A CAUSA DA HOMOSSEXUALIDADE

Há muitos estudos que apontam as possíveis causas e/ou origem da identidade homossexual: o determinismo é uma das correntes que traz argumentos para explicar a causa da homossexualidade, tal teoria tem como perspectiva defender e admitir uma causa biológica para todos os fatos. Diante dessa perspectiva teórica, a genética, a endocrinologia e a neurociência têm argumentos para explicar a causa ou causas da homossexualidade.

Estudos realizados no ano de 1991 afirmam que a identidade homossexual pode ter sua origem explicada em estudos realizados com cérebros, ou seja, a causa da homossexualidade está na semelhança existente entre o cérebro feminino e o cérebro do homossexual. Pequenas diferenças detectadas através de um exame de ressonância magnética seriam a prova da característica biológica como justificativa para o surgimento da homossexualidade.

O pesquisador Simon Le Vay, afirmou ter encontrado em cérebros de cadáveres, uma diferença estrutural de tamanho nos hipotálamos de gays e lésbicas - o hipotálamo nos homossexuais, seria de menor tamanho, ou seja, os gays tinham o hipotálamo, região do cérebro associada ao comportamento sexual, menor e mais parecido com o hipotálamo das mulheres (HILTON, 1992). Simon Le Vay realizou seu estudo a partir de quatro grupos de neurônios do hipotálamo, indicados como INAH1, INAH2, INAH3 e INAH4, no entanto, “o grupo INAH3 mostrou ser o dobro do tamanho no conjunto dos homens heterossexuais comparativamente ao conjunto dos homens homossexuais e, idêntico entre estes últimos e mulheres heterossexuais” (MATEUS & ROSA, p. 3).

Além do estudo feito com cérebros, outra contribuição para uma possível origem da homossexualidade é a genética, pois há indícios de que a homossexualidade poderia ter uma outra causa biológica. Em estudos feitos com gêmeos encontram-se explicações da área da genética como fator de alta influência na identidade homossexual. Contribuições nesse âmbito alegam que:

no caso dos gêmeos monozigóticos, por ambos possuírem o mesmo padrão genético, quando a sua separação é precoce, é possível estudar as influências de diversos fatores, nomeadamente ambientais. Os gêmeos dizigóticos são uma espécie de “grupo de controle” nestas experiências, pois como partilham, em média, 50% do padrão genético, é possível averiguar se as diferenças na prevalência do traço, em questão, são devidas a componentes genéticos. Estudos com gêmeos univitelinos demonstram uma correspondência de mais de 50% entre a sexualidade dos dois irmãos, isto é, existem grandes probabilidades de ambos os irmãos terem a mesma orientação sexual, neste caso, em relação à homossexualidade (MATEUS & ROSA, p. 2).

As primeiras referências a uma possível explicação endócrina da homossexualidade ocorreram na primeira década do século XX:

A partir dos trabalhos de Eugen Steinach com transplantes de testículos de homens heterossexuais para homens homossexuais. Em 1935, Clifford Wright publicou haver encontrado diferenças hormonais (menos testosterona e mais estrogênio) em homossexuais, comparativamente a

homens heterossexuais. Esta pesquisa – e as diversas que a seguiram – tinha como propósito a “conversão” à heterossexualidade, assim, iniciava-se a organoterapia (MENEZES apud LE VAY, 1996, p. 123).

A explicação hormonal para a origem da identidade homossexual, ou seja, alguns estudos realizados nesse âmbito declaram que fetos pré-destinados à homossexualidade masculina não absorvem com eficácia o hormônio testosterona durante o seu desenvolvimento, ocasionando em uma “falha” no desenvolvimento dos circuitos responsáveis pela atração ao sexo oposto, ou seja, a causa considerada para a homossexualidade masculina no âmbito da teoria hormonal é:

relativa aos níveis de stress a que o feto se encontra exposto durante a gravidez pois, por incrível que pareça, homens que foram concebidos e que nasceram em períodos de grande stress são mais frequentemente homossexuais do que homens concebidos noutras alturas. Isto porque, o cortisol, a hormônio do stress, é produzido a partir do mesmo precursor que a testosterona, podendo assim consumir a “matéria prima”, deixando menos quantidade para a transformação em testosterona (MATEUS & ROSA, p.3).

Já para a homossexualidade feminina, a explicação é dada a partir do não funcionamento de uma proteína no útero que é responsável por proteger fetos femininos contra a exposição excessiva à reação hormonal masculina, ou seja, devido a essa “deficiência” em seu funcionamento, tal proteína protege suficientemente o feto feminino, que fica sujeito à ação dos hormônios masculinos (ANDRADE, 2004).

Durante essa trajetória de determinação da causa da homossexualidade, muitos foram os estereótipos criados e que contribuíram para a definição do/a homossexual como o/a anormal, o/a doente, o/a desviante. É nesse sentido que pretendemos, a partir desses discursos, problematizarmos a construção das identidades sexuais, em especial, a da homossexualidade.

A PRODUÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE: O CONSTRUCIONISMO SOCIAL

O construcionismo social é a perspectiva teórica segundo a qual o mundo é socialmente construído, ou seja, o sujeito constrói o conhecimento através de suas interações sociais. É nessa perspectiva teórica que estamos realizando nossos estudos⁵, portanto problematizando as identidades sexuais, discutindo a construção histórica das mesmas, de forma a promover o reconhecimento da pluralidade sexual e a promoção de uma cultura de respeito ao grupo LGBT (lésbicas, *gays*, bissexuais, transgêneros - travestis e transexuais). O construcionismo social contrapõe-se ao essencialismo - que pressupõe que todos os seres e objetos possuem uma essência natural ou cultural, que seja fixa, imutável (WEEKS, 2007).

⁵Este artigo refere-se a um recorte da dissertação de mestrado de Deise Azevedo Longaray desenvolvida no PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (Associação Ampla FURG/UFRGS/UFSM), sob a orientação da prof^a. Dr^a. Paula Regina Costa Ribeiro, que tem por objetivo analisar as narrativas produzidas por adolescentes sobre homofobia, buscando compreender em que medida esses adolescentes vão sendo interpelados pelos discursos a cerca da diversidade sexual e de gênero, enfatizando a importância dessa discussão no espaço escolar.

Diante disso, é importante mencionar algumas definições, às quais estamos utilizando e articulando com os nossos estudos no âmbito dessa perspectiva. Entendemos o corpo, como uma construção híbrida que é constantemente (re)significada devido às diversas produções que ele adquire ao longo da história por diversas culturas. A sexualidade, muitas vezes, é vista somente como referência ao ato sexual, porém além do ato sexual, ela inclui sentimentos, desejos, interpretações, comportamentos, linguagens, crenças, identidades. Ela é uma construção social, histórica e cultural.

Nesse sentido, estabelecemos concordância ao que menciona Weeks (2007):

o construcionismo é, num certo sentido, agnóstico relativamente a essa questão. Não estamos preocupados com a questão do que causa a heterossexualidade ou a homossexualidade nos indivíduos, mas, ao invés disso, com o problema de por que e como essa nossa cultura privilegia uma e marginaliza- quando não discrimina- a outra (p. 49).

É importante destacar que há a necessidade de problematizarmos questões tais como o entendimento do corpo não somente como materialidade biológica, mas como construído a partir das múltiplas vivências sociais, históricas e culturais (RIBEIRO, 2007). Também é preciso repensar as identidades, entendendo que os sujeitos são constituídos por múltiplas identidades – classe, raça, gênero, sexual, geracional – e que essas se inter-relacionam posicionando-os nos diversos contextos sócio-culturais. Weeks (2007) destaca que,

embora a homossexualidade tenha existido em todos os tipos de sociedade, em todos os tempos, e tenha sido, sob diversas formas, aceita ou rejeitada, como parte dos costumes e dos hábitos sociais dessa sociedade, somente a partir do século XIX e nas sociedades industrializadas ocidentais, é que desenvolveu uma categoria homossexual distintiva e uma identidade a ela associada (p. 65).

Cabe salientar, também, que as identidades são compostas e definidas por relações sociais, pois as formas de expressar os desejos e prazeres são estabelecidas e interpretadas pela sociedade (LOURO, 1999). Além disso, é preciso diferenciar, aqui, as identidades de gênero das identidades sexuais, pois muitas pessoas confundem tais identidades. As identidades de gênero são construções sociais e históricas feitas em relação às características biológicas, ou seja, os significados culturais que estabelecemos para o sexo masculino e feminino. Já as identidades sexuais, também são construções sociais, porém referem-se às diferentes formas de experimentar os prazeres e os desejos corporais, que podem se dar tanto com parceiros do sexo oposto (heterossexuais), quanto com parceiros do mesmo sexo (homossexuais), ou até mesmo de ambos os sexos (bissexuais).

Considerando que a homossexualidade é uma entre as possíveis identidades sexuais, torna-se importante discutir a construção histórica e social da mesma, de forma a não reforçar os estigmas atribuídos a essa identidade, que resulta, muitas vezes, em preconceito e discriminação aos/às homossexuais.

CONCLUSÃO

A ciência vem, desde muito tempo, atribuindo explicações e justificativas para a causa da homossexualidade. Muitas são as teorias e fatos ocorridos durante a história que

apresentam as diferentes formas de pensar e problematizar a homossexualidade.

Discursos no âmbito da biologia, baseados em estudos genéticos e com hormônios, em pesquisas na área da neurociência e estudo científico entre gêmeos são alguns exemplos de “provas” para a causa da homossexualidade. Além disso, temos contribuições que caracterizam a identidade homossexual através de uma definição patologizante, homossexualidade como crime e pecado também foram atribuições recorrentes durante a suposta história da homossexualidade.

Dessa forma, não temos pretensão de negar a materialidade biológica atribuída à homossexualidade ou qualquer categorização que essa identidade teve ao longo da história, porém pretendemos destacar a importância da contribuição da teoria construcionista social para o entendimento das identidades sexuais, definindo tais identidades como construtos históricos e sociais, que são interpeladas pelos discursos de diversas áreas, em diversos momentos e períodos da história.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cristiane Pinto. **Concepções sobre Diversidade de Orientações Sexuais veiculadas nos Livros Didáticos e Paradidáticos de Ciências e Biologia**. Disponível em <<http://www.ppgefhc.ufba.br/dissertacoes/cristiane2001.pdf>>. Acessado em 13 de maio de 2009.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11ª ed. Rio de Janeiro: edições Graal, 1988a.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11ª ed. Rio de Janeiro: edições Graal, 1988b.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999c.

FURLANI, Jimena. Mitos e tabus sexuais. In: **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**, p.133-176. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Fry, Peter e MacRae, Edward. 1991. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense. 7ª edição.

HILTON, Bruce. **A homofobia tem cura?** O papel das igrejas na questão homoerótica. Ediouro, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes *et al* (org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MATEUS, Joana, ROSA, Sara. **Homossexualidade Masculina**. Disponível em http://paginas.ulusofona.pt/p415/G11_homoss_masculina.pdf. Acessado em 14 de maio de 2009.

MENEZES, Aline Beckmann. **Análise da investigação dos determinantes do comportamento homossexual humano**. Disponível em <<http://www3.ufpa.br/ppgtpc/dmdocuments/MESTRADO/ALINE.pdf>>. Acessado em 12 de maio de 2009.

PEREIRA, Onaldo A. **Bíblia e Homossexualidade**: a destruição de Sodoma e Gomorra. Disponível em http://www.athosgls.com.br/comportamento_visualiza.php?contcod=15537. Acessado em 14 de maio de 2009.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**: uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a sexualidade**: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas: Bioquímica) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

_____. A Sexualidade e Escola. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. (orgs). **Corpos, Gênero e Sexualidade**: questões possíveis para o currículo escolar. Caderno Pedagógico – Séries Iniciais. Rio Grande: FURG, 2007.

SILVA, Marcos Aurélio. **Este corpo não te pertence!** Algumas reflexões sobre saúde e doença na modernidade – O caso do “Homossexualismo”, 2005, pág. 1-28. Disponível em <<http://br.monografias.com/trabalhos-pdf901/este-corpo-nao/este-corpo-nao.shtml>>. Acessado em 13 de maio de 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O adeus às metanarrativas educacionais. In: _____. (Org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 247-258.

_____. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

UMBELINO, Cristiana. **A orientação sexual no mercado de trabalho: uma abordagem psicossocial e legal**. Disponível em <<http://www.artciencia.com/Admin/Ficheiros/CRISTIAN124.pdf>> Acessado em 14 de maio de 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e educação: há algo de novo sob o sol? In: _____. (Org.). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995, p. 9-56.

_____. A didática e as experiências de sala de aula: uma visão pós-estruturalista. **Educação & Realidade**, v. 21, n. 2, p. 161-176, jul./dez., 1996.

_____. Michel Foucault e os Estudos Culturais. *In*: COSTA, M. V. (Org.). **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 37-72.

WEEKS, Jeffrey. **El malestar de la sexualidad**: significados, mitos y sexualidades modernas. Madrid: Talasa, 1993.

_____. O corpo e a sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.